

# “PUC-RIO TERRITÓRIO LIVRE”: IMPRENSA E RESISTÊNCIA UNIVERSITÁRIA (1971-1985)

**Aluna: Julia de Paula França**

**Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves**

## 1.0 - Introdução

O atual trabalho é o desdobramento de uma pesquisa que começou nas Jornadas de Iniciação Científica da PUC-Rio de 2018. Na etapa anterior, estudei o movimento dos professores da PUC-Rio por meio da análise do jornal - chamado Boletim da ADPUC - produzido pela categoria. Agora, a pesquisa pretende relacionar esse jornal com publicações do movimento estudantil entre os anos de 1971 e 1985, época na qual o país se encontrava em uma ditadura militar.

Mais do que olhar os movimentos docente e estudantil da PUC-Rio por meio dos seus periódicos, os jornais universitários vão ser analisados como parte de um fenômeno maior: a imprensa alternativa. As publicações, tanto estudantis como a dos docentes, podem ser consideradas como parte dessa imprensa alternativa porque, entre outros motivos, nelas é característica uma oposição à ditadura militar e o compartilhamento de um mesmo imaginário social.<sup>1</sup>

Jornalista em formação e amante de história, encontrei no Núcleo de Memória da PUC-Rio a oportunidade de trabalhar com parte da história do jornalismo, campo que muito me interessa. Vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC), o Núcleo é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, a colaboração do professor Weiler Finamore e, além de mim, com mais três bolsistas de Iniciação Científica: Eric Damião Duarte, Rodrigo Lauriano Soares e Raylla Aquino.

Este relatório lista as atividades feitas por mim no período de julho de 2018 a julho de 2019, dividindo-se em duas etapas:

- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o trabalho individual da pesquisa.

## 2.0 - Relatório Técnico

### 2.1 - Atividades em equipe

No período compreendido neste relatório, o Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades em equipe:

- Reuniões semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais metas elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos produzidos pela equipe;
- Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Catalogação e sistematização do material documental através da digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

---

<sup>1</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

- Digitalização e catalogação de fotos do acervo do Comunicar cedidos ao Núcleo de Memória;

- Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas para o processo de catalogação;

- Atendimento a solicitações relativas às pesquisas no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;

- Realização de seminários teóricos internos com a participação da equipe para a discussão de textos sobre o conceito de Memória. Este ano, a equipe trabalhou com os seguintes textos:

01- Seminário realizado pela professora Margarida de Souza Neves em 29 de outubro de 2018 sobre o livro “Lugares de memória: ditadura militar e resistências no Estado do Rio de Janeiro”, coordenação do professor José María Gómez. Esse seminário discutiu a importância dos lugares de memória, além da noção de lugar de memória cunhada pelo historiador Pierre Nora. Também foi apresentada a trajetória do coordenador do livro a fim de entendermos melhor o projeto realizado por;

02 – Seminário realizado em 07 de janeiro de 2019 sobre o texto “Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito” da historiadora Angela Alonso. O objetivo foi discutir o conceito de repertório de ações coletivas, elaborado pelo sociólogo Charles Tilly, a partir da leitura da Angela Alonso;

03– Seminário realizado em 08 de abril de 2019 sobre o texto “Documento/monumento” do historiador Jacques Le Goff. A equipe discutiu, com base no texto, como é importante para o pesquisador entender a relação entre documento e monumento no trabalho memorialístico e historiográfico.

04 - Seminário realizado em 06 de junho de 2019 sobre o filme “Asas do Desejo”, do diretor Wim Wenders. A equipe discutiu as questões da memória e do afeto presentes no filme, de modo a entender como as experiências se mostram fundamentais na construção da memória. Comentou-se também sobre a questão dos lugares de memória, fazendo referência ao Muro de Berlim, presente no filme.

05 – Seminário realizado em 10 de junho de 2019 sobre os textos “A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da Odisséia” e “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”, da filósofa Jeanne Marie Gagnebin. A equipe discutiu sobre a importância de trabalhar os fragmentos por meio da análise da autora e a questão do trauma e da cicatriz, relacionando com o filme da semana anterior.

## **2.2 - Atividades individuais**

Durante o mesmo período que constam as atividades em equipe, realizei as seguintes tarefas:

- Cadastro de fotos de eventos da PUC-Rio no acervo do Núcleo de Memória. A seguir um exemplo de uma ficha de metadados de uma coleção de fotografias do evento “Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável” cadastrada por mim:

[INÍCIO](#) | [ACERVO](#) | [COLEÇÃO JP0033](#) /

Colabore

## Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável - jp0033\_001

COLEÇÃO: [Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável](#)

CÓDIGO SEQUENCIAL: jp0033\_001



IDENTIFICAÇÃO ORIGINAL: DSC3850.JPG

Referente a: [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio](#)

LOCAL: [Espaço Cultural e Esportivo Padre Ormindó Sodré Viveiros de Castro S.J. \(ginásio\)](#)

NATUREZA DO DOCUMENTO: [imagem](#)

TIPO DE DOCUMENTO: [fotografia cor](#)

### Data da criação

DIA: 11

MÊS: 6

ANO: 2012

DESCRIÇÃO: Sessão de abertura do fórum durante a apresentação da codiretora do Institute of Environment e professora titular da Universidade do Arizona (EUA), Diana Liverman.

PALAVRAS-CHAVE: [microfone](#)  
[meio-ambiente](#)  
[sustentabilidade](#)  
[caixa de som](#)  
[projektor](#)  
[câmera fotográfica](#)  
[plateia](#)  
[palestrantes](#)  
[segurança](#)  
[projeção](#)

PESSOAS PRESENTES OU CITADAS: [n.a.](#)

PESSOAS PRESENTES OU CITADAS - TEXTO APENAS: Na mesa da esq. p/ dir.: Lidia Brito, Sérgio Pastrana, Olívia Sishana, Edith Madela Mntia, Reginald I. Vachon e Diana Liverman

AUTORES/CRIADORES: Antônio Albuquerque

CONTRIBUIDORES: s.c.

- Cadastro de fotos do acervo do Comunicar no acervo do Núcleo de Memória;
- Revisão e cadastro dos livros da biblioteca do Núcleo de Memória em um catálogo interno;
- Seleção e digitalização de documentos gerais nas pastas da Reitoria;
- Seleção e digitalização de jornais estudantis arquivados nas pastas da Reitoria;
- Realizei as seguintes entrevistas para esta pesquisa de Iniciação Científica:
  - 01 – Profa. Berenice Cavalcante
  - 02 – Profa. Tereza Cavalcanti
  - 03 – Prof. Eduardo Jardim
  - 04 – Prof. Luiz da Silva Mello

- No curso de Jornalismo cursei as seguintes disciplinas que me auxiliaram nessa pesquisa:

- 01 – Metodologia da Pesquisa em Comunicação
- 02 – História Econômica, Política e Social do Brasil
- 03 – História da Imprensa no Brasil

A seguir, segue o Relatório Substantivo produzido a partir da minha pesquisa.

### 3.0 - Relatório Substantivo

## “PUC-RIO TERRITÓRIO LIVRE”: IMPRENSA E RESISTÊNCIA UNIVERSITÁRIA (1971-1985)

### 3.1 - Introdução

Durante a jornada de Iniciação Científica de 2018 apresentei um estudo do movimento docente a partir da análise do periódico publicado em nome da Associação de Professores da PUC-Rio (ADPUC), o *Boletim da ADPUC*.<sup>2</sup> Nesta etapa, trabalhei também com a memória oral de professores envolvidos com o movimento docente no período em questão, entre 1977 e 1990. Ao pensar sobre o desdobramento da primeira etapa da pesquisa, refleti sobre qual foi o papel de um jornal que, ligado a um movimento social, buscou ser porta voz dos interesses e das lutas de uma categoria. Considerei que caberia inserir o *Boletim da ADPUC* num contexto maior, que foi a chamada imprensa alternativa.

De acordo com Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, no livro *História da Imprensa no Brasil*, a concepção de imprensa alternativa é “longa e variada na história brasileira, sempre com a marca da efemeridade”.<sup>3</sup> Segundo as escritoras:

Na história brasileira os frequentes “alternativos” seriam jornais que se oporiam ou se desviariam das tendências hegemônicas na imprensa convencional brasileira, que esta pretende tornar hegemônicas no país... Mas se sua presença na vida brasileira data de longe, foi com as sequelas do golpe de 1964 que eles ganharam um fôlego surpreendente, multiplicando-se por todo o país.<sup>4</sup>

Dessa forma, podemos compreender que, apesar de sempre existir um tipo de imprensa compreendida por alguns como alternativa, foi principalmente na ditadura militar que houve o aumento de publicações do tipo e que o termo de fato ganhou força. A historiadora Maria Paula Nascimento Araújo divide a imprensa alternativa em:

1) jornais de esquerda (que se vinculavam tanto a jornalistas de oposição quanto aos partidos e organizações políticas clandestinas); 2) revistas de “contracultura” (que reuniam intelectuais e artistas “alternativos” ou “malditos” — artistas que produziam fora do esquema comercial) e 3) publicações de movimentos sociais (englobando neste campo o movimento estudantil, os movimentos de bairro e, principalmente, um tipo específico de imprensa alternativa, aquela vinculada a grupos e movimentos de minorias

---

<sup>2</sup> FRANÇA, Julia de Paula. Um galo sozinho não tece uma manhã: o movimento docente na PUC-Rio entre os anos 1977 e 1990. In: Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio, 26. 2018, Rio de Janeiro. *Anais do XXV Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

<sup>3</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>4</sup> Ibid.

políticas, como a imprensa feminista, a chamada “imprensa negra”, os jornais de grupos homossexuais organizados, as publicações indígenas etc.).<sup>5</sup>

A partir do reconhecimento que o *Boletim da ADPUC* poderia ser um componente desse terceiro tipo de imprensa alternativa, escolhi expandir minha pesquisa e examinar quais dos demais periódicos que circulavam na PUC-Rio durante o regime militar poderiam também fazer parte dessa vertente. Ao procurar exemplares desses jornais, encontrei algumas edições no acervo da Reitoria da PUC-Rio e no Núcleo de Memória da PUC-Rio. Os jornais encontrados foram, sobretudo, escritos por estudantes e muitos deles vinculados ao movimento estudantil.

A efervescência do movimento estudantil em um momento similar ao do movimento dos docentes não é por acaso. O fim da década de 1970, em decorrência do “esgotamento do regime autoritário e do desmoronamento do chamado ‘milagre econômico’”<sup>6</sup>, foi marcado pelo ganho de força da militância política e um engajamento das oposições<sup>7</sup>. Nesse período, também “a discussão sobre a tolerância associada à pauta dos direitos civis entrou no debate público por novas formas de militância política”<sup>8</sup> e a oposição “conseguiu incorporar uma diversidade de vozes vindas da sociedade”.<sup>9</sup> Organizaram-se novos movimentos sociais urbanos em diferentes âmbitos, como em universidades, comunidades eclesiais de base e em organizações civis comunitárias.<sup>10</sup> E tanto o movimento estudantil como o docente são exemplos dessa forma de militância.

A militância do movimento estudantil não era uma novidade. A UNE - União Nacional dos Estudantes, por exemplo, foi criada em 1937, e envolveu-se na luta pelo fim da ditadura do Estado Novo, na questão do monopólio estatal do petróleo, entre outros assuntos nacionais. Já durante a ditadura militar iniciada em 1964, a Passeata dos Cem Mil, ocorrida em 1968, foi organizada pelos estudantes e contou com “a participação de intelectuais, operários, profissionais liberais e religiosos, além da adesão maciça de populares”<sup>11</sup> na luta contra o regime militar. Nela, alunos de diversos departamentos da PUC-Rio estiveram presentes, entre eles, os alunos do curso de Teologia, que carregavam o cartaz escrito “PUC: Território Livre”. Essa frase pode ser vista como um desejo da comunidade universitária por uma Universidade livre, em um contexto no qual a liberdade estava cerceada. Após a instauração do Ato Institucional nº 5, o movimento estudantil foi fortemente reprimido e a saída encontrada por muito dos jovens foi o engajamento em movimentos clandestinos e a luta armada.

---

<sup>5</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Imprensa Alternativa. In: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imprensa-alternativa>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>6</sup> OTRANTO, Celia Regina. Movimento Sindical Docente: história e crise. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, Seropédica - RJ, v. 22, n. 2, p. 213-230, 2000.

<sup>7</sup> SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 473-474.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. **Revista História: Debates e Tendências**. Passo Fundo, v. 7, p. 9-21, 2007.

<sup>11</sup> LAMARÃO, Sérgio. Passeata dos Cem Mil. In: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeata-dos-cem-mil>>. Acesso em 27 de maio de 2019.



Alunos da PUC-Rio na Passeata dos Cem Mil. 1968. Fotografia José Inácio Parente. Acervo José Inácio Parente.

A foto e, sobretudo, o que ela expressa - mesmo sendo de um momento anterior do estudado por esta pesquisa - é ainda relevante e atual no contexto da década 1970: “os jovens de finais da década de 1970, provavelmente crianças na década de 1960, retomaram a vanguarda da sociedade no combate ao Regime”.<sup>12</sup>

No livro *Brasil: Uma Biografia* é assinalado que 1977 foi o ano no qual o movimento estudantil voltou com força para as ruas.<sup>13</sup> E, por mais que os estudantes fossem na vanguarda, os professores estavam na resistência junto com eles. Segundo Marcelo Siqueira Ridenti, o movimento docente, inclusive, herdou dos estudantes a característica de ter “fusão da luta reivindicativa com a luta política e o seu estilo característico de luta”.<sup>14</sup>

De acordo com Bernardo Kucinski, é característico da imprensa alternativa compartilhar “em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia, outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo”.<sup>15</sup> Muitas ideias e lutas eram compartilhadas entre os professores e os estudantes e podem ser identificadas e analisadas por meio das publicações das duas categorias.

Nesse sentido, buscou-se neste trabalho entender a relação dos movimentos e da imprensa produzida por estes que circulava no campus da PUC-Rio. Os jornais escolhidos como objetos deste estudo foram o *Boletim da ADPUC*, veículo de comunicação dos professores, *Papirus*, *Informe Daaf* e os jornais da chapa Alternativa, estes produzidos pelos estudantes da PUC-Rio. Para a elaboração do trabalho, além da análise dos periódicos, entrevistas<sup>16</sup> também

<sup>12</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias Estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.

<sup>13</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 475.

<sup>14</sup> FORACCHI, Marialice M. A participação social dos excluídos. São Paulo: HICITEC, 1982 apud RIDENTI, Marcelo Siqueira. ANDES: Representação política e sindical de professores universitários. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.93, p. 72-80, maio 1995.

<sup>15</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 7.

<sup>16</sup> Os professores entrevistados foram: Berenice Cavalcante, Eduardo Jardim, Luiz da Silva Mello e Tereza Cavalcanti.

foram realizadas. Dessa forma, assim como na etapa anterior da pesquisa, foi buscada uma interação entre o jornal e a memória oral como fontes históricas.

### 3.2- A imprensa no movimento estudantil da PUC-Rio

Desde o seu início, o governo militar se ocupou em desarticular o Movimento Estudantil.<sup>17</sup> Entre as medidas tomadas com o objetivo de cercear os estudantes está a promulgação da Lei nº 5540, em novembro de 1968, que regulava a representação estudantil. A partir daquele momento, “os Diretórios Acadêmicos e Diretórios Centrais de Estudantes passaram a ser facultativos, cabendo à direção de cada universidade autorizar a sua existência ou não”.<sup>18</sup> Caso fosse autorizado, deveriam, no entanto, estar submetidos a um Estatuto dos Diretórios, que precisava seguir as orientações dos Decretos-lei 477 e 228, que incluíam limitações como, por exemplo, o fato de que os diretórios perderiam a representativa de corpo discente e seriam apenas associações de alunos, sem poder deliberativo.<sup>19</sup>

A Administração Central da PUC-Rio decidiu manter em funcionamento os diretórios acadêmicos e o diretório central, ficando pendente a aprovação de um novo Estatuto dos Diretórios. Como esse novo estatuto nunca veio a ser aprovado, os diretórios de alunos da PUC-Rio prosseguiram como representantes legítimos do corpo discente. Neste contexto, “as entidades estudantis desta universidade conheceram uma certa liberdade em relação às entidades da maioria dos estudantes de diferentes instituições brasileiras”.<sup>20</sup>

A historiadora Maria Paula Nascimento Araújo, em seu livro *Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*, assinala que foi em 1977 que houve definitivamente a retomada das lutas estudantis e o “movimento voltou a realizar manifestações, saiu às ruas e deu os passos necessários para a reconstrução da UNE”.<sup>21</sup> De acordo com Maria Paula, no Rio de Janeiro o movimento se concentrou fisicamente na PUC-Rio. Um dos entrevistados pela autora no livro conta que isso se deu:

Porque a PUC dava uma proteção especial, por ser um campus controlado pela Igreja Católica, e porque tinha os diretórios. Ela tinha uma organização, os diretórios tinham sede. Tinha um mimeógrafo... Essa mínima organicidade da PUC atraiu o movimento para lá. E as primeiras grandes manifestações no Rio de Janeiro em protesto contra as prisões de São Paulo ocorreram na PUC. Eram aqueles pilotis repletos de estudantes.<sup>22</sup>

Por conta do espaço privilegiado, “a PUC-Rio concentrou grande parte das manifestações, reuniões e assembleias estudantis cariocas”.<sup>23</sup> O episódio mais conhecido foi quando, durante uma das assembleias regionais, os estudantes foram surpreendidos por um cerco de imenso aparato policial-militar confinando os estudantes por horas dentro da PUC-Rio, “com helicóptero sobrevoando e tirando foto dos presentes”.<sup>24</sup>

---

<sup>17</sup> COUTINHO, Ana Maria Bonjour de Paula. O Movimento Estudantil na PUC-Rio durante o Governo Militar. In: **Sob a Cruz e a Espada: A Relação do Movimento Estudantil da PUC-Rio com a Reitoria durante o Regime Militar**. 2004. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> COUTINHO, Ana Maria Bonjour de Paula, op. cit.

<sup>24</sup> Ibid.



Manifestação estudantil nos pátios da PUC-Rio. 1977. Fotografia desconhecida.  
Acervo Agência O Globo.

Na foto acima, identificamos pelas faixas a presença de estudantes de outras universidades, como a Universidade Federal Fluminense (UFF), e a identificação com temas debatidos por parte da sociedade brasileira, como a libertação de presos políticos.

Uma das formas dos estudantes se comunicarem com seus pares era por meio da publicação de jornais. Para esta pesquisa, foram escolhidas três publicações ligadas aos estudantes da PUC-Rio, sendo uma que abrange os anos de 1971 e 1972, outra de 1974 a 1975 e a terceira, de 1976 a 1977, visando remontar um panorama da imprensa estudantil e de toda a década de 1970, desde os anos de maior repressão pela ditadura militar até o início da abertura política. São eles:

→ *Papirus*

Jornal estudantil definido, inicialmente, como órgão oficial do Diretório Acadêmico Adhemar Fonseca, do Curso de Engenharia da PUC-Rio. No acervo da Reitoria da PUC-Rio, foram encontradas cinco edições: número 4 (maio de 1971); número 5 (agosto de 1971); número 6 (novembro de 1971); número 7 (março de 1972); e número 8 (junho de 1972).





Capas das edições de nº 4 a 8 do jornal *Papirus*. 1971-1972. Acervo Reitoria da PUC-Rio.

Em um formato standard, o jornal era composto e impresso nas oficinas do jornal Tribuna da Imprensa e tinha como responsável, assim como indicado na edição número 4, José Jorge Campello.<sup>25</sup> A partir do número 6, o periódico passa a se intitular como “uma publicação dos diretórios acadêmicos da PUC-Rio”<sup>26</sup>, e não apenas do Diretório de Engenharia. Nessa edição, os alunos apontados como responsáveis passam a ser, além de José Jorge Campello, os estudantes Jorge Moreira, Monica Tolipan, José Carlos Miranda, Antonio Carlos Bordeaux e Théo Santiago.<sup>27</sup>

No número 5, a tiragem do *Papirus* é registrada como de quatro mil exemplares e, já no número seguinte, ela dobra para oito mil exemplares. O veículo, que se define como “um jornal de grande penetração”, tem muito do seu conteúdo voltado para questões do alunado da PUC-Rio, como, por exemplo, os casos de jubramento de alunos, a qualidade do ensino oferecida e o problema de falta de verbas que a Universidade passava no momento, assim como questões que atingiam a toda a Universidade, como a passagem da auto-estrada Lagoa-Barra pelo *campus*. Mas, em alguns momentos, a temática vai para além disso, com a presença de matérias críticas, que alertam, por exemplo, para o processo de tecnicização do ensino e a necessidade de uma reforma universitária. Outros assuntos do Brasil e do mundo também estampavam as

<sup>25</sup> PAPIRUS. Rio de Janeiro, PUC-Rio, n. 4, maio de 1971.

<sup>26</sup> Id. n. 6, nov. de 1971.

<sup>27</sup> PAPIRUS, op. cit.

páginas do jornal, com matérias sobre o custo de obras públicas e a conjuntura econômica do país. Há matérias sobre prisões de estudantes e a censura que existia no período.

Para contribuir com conteúdo para o *Papirus* era necessário que o aluno deixasse nos diretórios o que quisesse publicar e este seria enviado para análise. Em uma das edições, é exposto que o intuito dos editores não era fazer um jornal estética ou literariamente muito bom, apenas um que fosse o porta-voz de todos.<sup>28</sup>

Letras de músicas, como, por exemplo “Apesar de você” de Chico Buarque de Holanda, e poesias desde de Carlos Drummond de Andrade até aquelas feitas pelos próprios alunos eram publicadas. Havia a presença frequente de charges no jornal. Durante as edições é possível identificar o aumento do engajamento dos estudantes na PUC-Rio e como os diretórios estavam deixando “de ser fantasmas”.<sup>29</sup>

No Arquivo Nacional do Brasil, foi encontrado, em pesquisa no Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN), um dossiê do Ministério da Justiça datado de 1972 sobre o jornal *Papirus*. Entre os documentos, há uma carta carimbada como confidencial dirigida ao chefe do gabinete do Ministro da Justiça, Eduardo Grieco, assinada pelo chefe do Centro de Informações do Exército, General de Brigada Milton Tavares de Souza, na qual o *Papirus* é apontado como um veículo com “linha semelhante as publicações subversivas, aproximando-se do estilo e da forma dos panfletos e outros veículos utilizados pelas facções terrorista”.<sup>30</sup> No texto é ainda indicado que “parece necessária uma ação imediata para impedir que o jornal continue realizando a intoxicação progressiva dos universitários fluminenses, predispondo-os ao aliciamento subversivo ou mesmo à agitação estudantil, tão prejudiciais ao nosso País”.<sup>31</sup>

Além da carta, há um parecer no qual é indicado que o jornal “está sendo utilizado não somente para publicar notícias sobre a Universidade Católica, mas também, para a exploração de fatos políticos e intoxicação do meio estudantil e argumentos de caráter comuno-subversivos”.<sup>32</sup> E ainda, é ressaltado que, caso não fossem tomadas “medidas de seu controle”, o jornal poderia “aumentar a intensidade e agressividade dos ataques e agitar a Pontifícia Universidade Católica”.<sup>33</sup>

Há um pedido de busca pelos componentes na direção a época do Diretório Acadêmico Adhemar Fonseca. Após a investigações, são indicados como responsáveis pelo jornal os estudantes José Jorge Campello (presidente do DCE), Francisco Mariano (presidente do Daaf), Monica Tolipan (presidente do Dajf) e Antonio Carlos Bordeaux (presidente do Dagg)<sup>34</sup>. Todos esses nomes de fato foram citados como os responsáveis pelo jornal *Papirus* durante alguma de suas edições.

#### → *Jornais da chapa Alternativa*

Publicações estudantis vinculadas à chapa DCE Alternativa. Até o momento, foram localizadas no acervo da Reitoria da PUC-Rio cinco edições de três periódicos ligados à chapa Alternativa: *Boletim DCE Alternativa* (edições de maio de 1976 e de agosto de 1977); jornal *De Mão em Mão* (edições número 2 e 3) e o jornal *Folhativa* (edição número 2).

<sup>28</sup> PAPIRUS. Rio de Janeiro, PUC-Rio, n. 8, jun. de 1972.

<sup>29</sup> Id. n. 6, nov. de 1971. p. 2.

<sup>30</sup> PROCESSO SECOM, nº 12.405. Rio de Janeiro, 3 maio 1979. Disponível em: <[http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1023777&v\\_aba=1](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1023777&v_aba=1)>. Acesso em 16 maio 2019.

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> Ibid.



Capa dos jornais vinculados à chapa Alternativa. 1976-1977. Acervo Reitoria da PUC-Rio.

Nenhuma das publicações indica os responsáveis pela produção dos jornais. De acordo com o Termo de Posse dos Diretórios Acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica<sup>35</sup>, as eleições para o Diretório Central Estudantil (DCE) na PUC-Rio eram feitas por meio do voto dos presidentes dos diretórios de cada curso. Havia, então, chapas que uniam diferentes diretórios, como era o caso da Alternativa. A partir do momento que determinada chapa agregava a direção de mais diretórios, ficava mais fácil ganhar também a eleição para o diretório central. É por esse motivo que a chapa Alternativa tinha mais de uma publicação oficial. O *Boletim Alternativa* parece ter seu público alvo no alunado geral da Universidade; já o *De Mão em Mão* era direcionado para os alunos do Centro Técnico Científico (CTC) e o *Folhativa* para os alunos do Centro de Ciências Sociais (CCS).

O *Boletim Alternativa* de agosto de 1977 já se coloca como o veículo do DCE da PUC-Rio.<sup>36</sup> Em um documento do Sistema Nacional de Informação (SNI), também localizado no Arquivo Nacional, datado de setembro de 1977, indica que o jornal *Folhativa* era publicado pelo DCE da PUC-Rio.<sup>37</sup> Ou seja, é possível aferir que a chapa Alternativa ganhou as eleições

<sup>35</sup> FACULDADES CATÓLICAS. **Termo de posse dos Diretórios Acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica**, 1972-1996. Rio de Janeiro, PUC-Rio. Acervo da Coordenação de Assuntos Estudantis/Vice-Reitoria Comunitária.

<sup>36</sup> BOLETIM ALTERNATIVA. Rio de Janeiro, PUC-Rio, ago. 1977.

<sup>37</sup> MOVIMENTO ESTUDANTIL, PANFLETO FOLHATIVA, DIRETORIO CENTRAL DE ESTUDANTES DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA RJ. Rio de Janeiro, 16 set. 1979.

de 1977 para o DCE da Universidade. No Termo de Posse, a diretoria eleita para a gestão do DCE de 1977-1978 é formada por José Stelberto Porto Soares, Monica Ferreira Medeiros e George Avelino Filho<sup>38</sup>, estudantes esses que, possivelmente, tinham alguma ligação com a produção dos jornais que levavam o nome da chapa.

As publicações ligadas à chapa Alternativa, em geral, tinham como conteúdo informes e reivindicações relacionados ao âmbito interno da PUC-Rio, publicações relacionadas ao movimento estudantil tanto interno como externo à universidade e também textos sobre a política nacional e internacional da época. Nesses jornais, é possível identificar uma crítica feita de forma mais aberta ao regime militar e o incentivo explícito a maior mobilização do movimento estudantil. No documento confidencial do SNI, um dos jornais, o *Folhativa*, é assinalado como uma publicação que “tem caráter subversivo e explora assuntos ligados ao Movimento Estudantil”.<sup>39</sup>

### → *Informe Daaf*

Foram identificados nove exemplares do informe produzido pelos alunos ligados ao Diretório Acadêmico Adhemar Fonseca, do curso de Engenharia da PUC-Rio. Nem todas as edições encontradas possuem data. A edição n° 3 é de 29 de agosto de 1974; a n° 4 é de 4 setembro de 1974 e a n° 5 de 12 de setembro de 1974. Uma edição descrita como “especial” data de 18 de março de 1975. É possível aferir que as edições não tinham um espaço de tempo muito grande de publicação entre uma e outra, característica de um informe com conteúdo mais imediato, e também que o informe teve uma vida relativamente longa quando comparado a outras publicações estudantis muito marcadas pela efemeridade.

O *Informe Daaf* não menciona os responsáveis pela sua produção. No Termo de Posse dos Diretórios Acadêmicos da PUC-Rio, os alunos Camilo Augusto Siqueira, Ricardo Monnerat Celes, José Murilo de Moura Ferro Frazão, Hélio de Brito Costa, Carlos F. C. Ferreira Lima, Américo da Costa Oliveira Filho e Rogério Rodrigues são listados como integrantes da gestão do Daaf em 1974-1975.<sup>40</sup> No entanto, não há como afirmar de fato uma relação desses estudantes com a produção do *Informe*. A publicação tinha uma forma gráfica bem simples e nenhuma edição encontrada apresenta mais do que seis páginas.

---

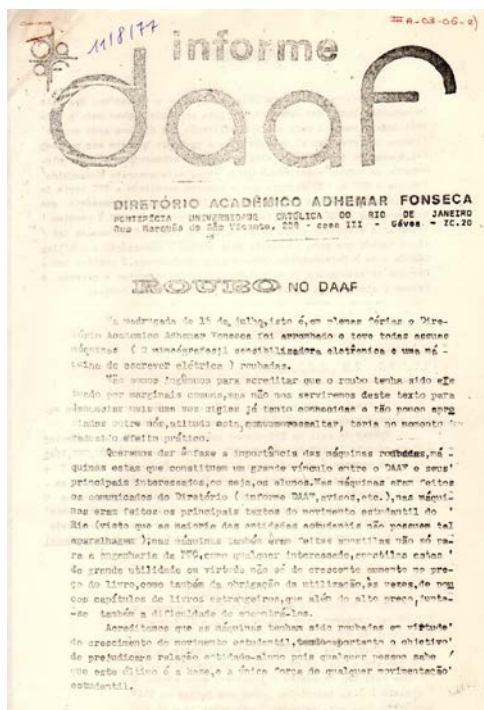
Dossiê. Disponível em: [http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1986722&v\\_abas=1](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1986722&v_abas=1). Acesso em 7 maio 2019.

<sup>38</sup> FACULDADES CATÓLICAS. **Termo de posse dos Diretórios Acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica**, 1972-1996. Rio de Janeiro, PUC-Rio. Acervo da Coordenação de Assuntos Estudantis/Vice-Reitoria Comunitária.

<sup>39</sup> MOVIMENTO ESTUDANTIL, PANFLETO FOLHATIVA..., op. cit.

<sup>40</sup> FACULDADES CATÓLICAS, op. cit.





Capa de uma das edições do *Informe Daaf*. 1977. Acervo Reitoria da PUC-Rio.

Além de divulgar informações de interesse dos alunos do Centro Técnico Científico (CTC), a publicação também traz matérias que abordam temas mais polêmicos, como a mulher e o mercado de trabalho. Reivindica direitos dos estudantes no âmbito da PUC-Rio como, por exemplo, a existência de cursos de férias, o fim do jubramento automático e uma maior participação dos estudantes nas coordenações das cadeiras da Universidade. É evidente o desejo por incentivar maior mobilização estudantil, com a chamada dos estudantes à participação em reuniões e greves. Divulga também notícias relativas a arbitrariedades cometidas pelo regime militar, como prisões e as invasões em outras universidades. De acordo com o *Informe*, o veículo tinha como objetivo criar “uma engenharia mais humana, voltada para os interesses do povo”.<sup>41</sup>

Apesar de termos poucas informações sobre o *Informe Daaf* além do próprio, o peculiar sobre a publicação é o fato de o Diretório Adhemar Fonseca ser, à época, dono de dois mimeógrafos. Como a maioria das entidades estudantis não tinha os aparelhos à sua disposição, era lá onde eram feitos os principais textos do movimento estudantil de todo o Rio de Janeiro. Em dado momento, essas máquinas foram furtadas em uma situação suspeita e o *Informe Daaf* noticia tal fato e expõe a crença de que o equipamento tenha sido levado “em virtude do crescimento do movimento estudantil”.<sup>42</sup>

### 3.3- Um esboço de comparação

Conforme afirma Bernardo Kucinski, a década de 1970 foi um período com um forte apelo revolucionário.<sup>43</sup> No início, com a repressão dos “anos de chumbo” e a vigência do AI-5, a resistência ficou marcada pela luta armada e pela clandestinidade. Depois, com o processo da abertura política, a oposição ao regime militar buscou ocupar os “caminhos legais disponíveis de atuação política”. Os estudantes eram um dos sujeitos coletivos que costumavam ir na frente destes processos, mas havia sempre mais gente disposta a engrossar a oposição no

<sup>41</sup> INFORME DAAF. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1978.

<sup>42</sup> Id., s.d.

<sup>43</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991. p.14.

âmbito universitário,<sup>44</sup> como, por exemplo, a categoria dos professores. Além das questões mais diretamente ligadas às universidades e à educação, o objetivo comum era resistir à ditadura e ao autoritarismo estatal.<sup>45</sup> Democracia, liberdade de expressão, eleições diretas e uma anistia ampla e irrestrita eram algumas das bandeiras reivindicadas.

Hoje, algumas décadas depois e num contexto político diferente, os professores da PUC-Rio decidiram que precisam voltar a se unir e refundar a ADPUC. De acordo com a professora Tereza Cavalcanti, o atual momento é perigoso e os professores precisam se organizar para defender a universidade, programas sociais de democratização do ensino como o FIES e o Programa Universidade para Todos (Prouni), e a liberdade de pensamento e expressão.<sup>46</sup> O atual governo, por exemplo, cortou verbas das universidades federais<sup>47</sup> e ameaçou extinguir a Ancine caso não houvesse um filtro que defendesse a moral e os bons costumes da família tradicional brasileira.<sup>48</sup> Mais uma vez na história brasileira a universidade e a liberdade de expressão se veem ameaçadas.

Nesse cenário de incertezas, esta pesquisa adquire relevância e pode nos fazer repensar temas atuais com base no que já aconteceu na nossa história. Entretanto, como proposto por Jacques Le Goff, todo documento é um monumento.<sup>49</sup> Ou seja, por mais que o conteúdo dos jornais converse com o hoje, procurei considerar os textos jornalísticos nas condições em que foram produzidos.

De início, procurei encontrar jornais estudantis que foram publicados na mesma época do Boletim da ADPUC. Mas, depois, resolvi ampliar o olhar para aqueles que haviam existido anteriormente, e buscar fazer um panorama de toda a década de 1970 e parte de 1980. Assim, seria possível visualizar as especificidades do movimento estudantil e do movimento docente da PUC-Rio em diferentes momentos históricos. É interessante perceber que o movimento estudantil assumiu a dianteira na resistência universitária e publicava jornais críticos ao regime já no início da década de 1970. Os professores, por sua vez, foram organizar seu movimento e publicar algum tipo de imprensa mais para o fim dos anos 1970.

Segundo Bernardo Kucinski, um dos traços comuns da imprensa alternativa neste período era a oposição ao regime militar e, até mesmo no período conhecido como Milagre Econômico, os jornais alternativos se opuseram ao governo, destoando “do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa”.<sup>50</sup> A edição do jornal estudantil *Papirus* de novembro de 1971 publicou um artigo no qual criticava o Milagre Econômico e chamava a atenção para o aumento da concentração de renda resultante da adoção dessa política, o que mostra que a imprensa universitária da PUC-Rio dialogava com os demais veículos alternativos da época.

---

<sup>44</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 475.

<sup>45</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. **Revista História: Debates e Tendências**. Passo Fundo, v. 7, p. 9-21, 2007.

<sup>46</sup> CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 5 fev. 2019.

<sup>47</sup> TENETE, Luiza; FIGUEIREDO, Patrícia. Entenda o corte de verba das universidades federais. **G1**, 15 maio 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/entenda-o-corte-de-verba-das-universidades-federais-e-saiba-como-sao-os-orcamentos-das-10-maiores.ghtml>>. Acesso em 15 de julho de 2019.

<sup>48</sup> FOLHA DE S.PAULO. Censura com filtro. São Paulo, 22 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/censura-com-filtro.shtml>>. Acesso em 23 de julho de 2019.

<sup>49</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi volume 1: História – Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

<sup>50</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 12.

O *Boletim da ADPUC*, apesar de só ter sido criado em 1977, também foi um veículo que se opôs ao Regime. Desde o editorial do número zero do *Boletim*, os professores explicitaram que o objetivo do periódico era “abrir espaço de debate livre em um clima de censura”.<sup>51</sup> Outra característica comum entre o *Boletim da ADPUC*, os jornais estudantis e o restante das publicações identificadas como da imprensa alternativa ligadas a movimentos sociais, era o fato deles não terem sido “elaborado por jornalistas, nem por militantes organizados, mas por pessoas diretamente vinculadas aos movimentos sociais que buscavam representar”.<sup>52</sup> Tanto no *Boletim da ADPUC* como nos jornais estudantis era frequente o incentivo à participação política e os pedidos de contribuição de conteúdo para publicar nos periódicos. Os estudantes e professores queriam mobilizar suas categorias a serem atores sociais participativos. Segundo Kucinski, o qualificativo “alternativa” expressa a ideia de que esse tipo de imprensa incorpora o desejo das gerações dos anos 1960 e 1970 de protagonizar as transformações sociais que pregavam.<sup>53</sup>

A efemeridade também foi marca desse tipo de imprensa e, no contexto da PUC-Rio, sobretudo os jornais produzidos pelos estudantes tiveram em geral vida curta; muitos, inclusive, duraram apenas uma edição. Mais do que uma característica dos jornais, o vínculo dos estudantes com a Universidade era provisório, frequentando a instituição durante os poucos anos da graduação, uma das razões pelas quais podiam ser mais ousados e ir mais longe do que os professores, que tinham um vínculo empregatício com a Universidade.

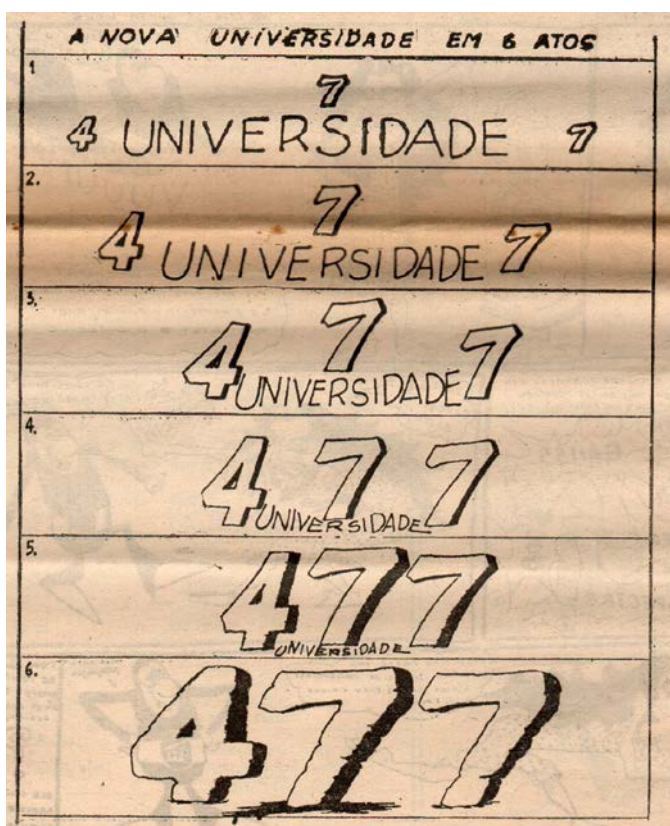
Essa maior ousadia fica evidente nas publicações dos estudantes, nas quais constata-se a presença do sarcasmo em textos e charges. O *Papirus*, por exemplo, no período mais duro do Regime, criticava constantemente o Decreto-Lei 477 que punia professores, alunos e funcionários de universidades por subversão.

---

<sup>51</sup> BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro, ADPUC/PUC-Rio, n. 0, dez 1977.

<sup>52</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Imprensa Alternativa. In: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imprensa-alternativa>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>53</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 11.



Charge sobre o Decreto-Lei 477. Jornal *Papirus*, nº 6. 1971. Acervo Reitoria da PUC-Rio.

O uso de ironia era muito frequente no *Papirus*. Em uma das edições há uma matéria intitulada “Os dez mandamentos do 477”, na qual dicas de como não ser enquadrado no Decreto-Lei 477 são dadas, como:

1- Não incite ou alicie seu colega a paralisar suas “atividades escolares”, para tomar um café após a lista;

(...)

6- Evite, se tiver carro, dar carona, ou mesmo, sequestrar, qualquer mestre, colega, funcionário (a) ou “agente de autoridade” (???) menos afortunados, ainda que estes, inocentemente, assim o desejem.

Os mandamentos de número 9 e 10 estavam em branco e era indicado que “foram censurados pelo 477, menos mal”. Já o jornal *De mão em mão* apresentou um “teste de quociente de politização”, com perguntas como: se o movimento estudantil está de fato infiltrado como constantemente era acusado, essa infiltração se dá por: a) infiltração d’água; b) infiltração no dente; c) infiltração de agentes da KGB ou d) infiltração de agentes da CIA.

Por ter maior liberdade e menores responsabilidades era característico dos estudantes a experimentação. Podiam publicar um jornal e, na edição seguinte, fazer algo completamente diferente ou mesmo desistir, sem se preocupar muito com a imagem que passariam para os seus pares. Os docentes e os estudantes eram atores sociais diferentes, com objetivos e formas de encaminhar a luta distintas, e isso se reproduz no tipo de imprensa que publicavam.

Até mesmo a forma gráfica dos jornais estudantis era mais simples e livre - com exceção do *Papirus* que era impresso na Tribuna da Imprensa - quando comparado ao *Boletim da ADPUC*. Os mimeógrafos do Diretório de Engenharia eram fundamentais para os estudantes, já que eram utilizados para imprimir grande parte da imprensa estudantil não só da PUC-Rio, como de outras instituições cariocas. Inclusive, há muito conteúdo denunciando o furto dos mimeógrafos em 1977 já que, na visão dos estudantes, não seria fácil entrar na PUC-Rio à noite e carregar as máquinas, que eram grandes e pesadas. Para eles, o furto não poderia ter sido uma



coincidência, já que era o momento no qual o movimento estudantil estava crescendo e ganhando força.

O jornal dos professores, mesmo que muito crítico, procurou ter um ar mais sério e profissional. No início, sem ter a forma gráfica de um periódico de fato, foi criticado e comparado pejorativamente às publicações estudantis. O *Boletim da ADPUC* rebateu as críticas esclarecendo que não considerava negativo ser parecido com as publicações dos estudantes, já que são eles que “sacodem a Nação e denunciam a impostura do Poder não consentido e o regime de tutela a que estão submetidos os adultos”.<sup>54</sup>

A maneira como essas publicações chegaram até nós também foi diferente entre as publicações dos dois movimentos. Apesar de haver algumas edições do *Boletim da ADPUC* no acervo da Reitoria da Universidade, a maior parte das edições encontradas foi guardada e cedida ao Núcleo de Memória por professores que fizeram parte da Associação. Já os jornais estudantis foram não apenas coletados, mas armazenados com certo cuidado pela Reitoria da Universidade e órgãos de repressão do governo militar.

Há, claro, convergência entre os conteúdos das matérias dos jornais sobre críticas mais gerais em relação ao Regime e a situação das universidades brasileiras. Os problemas internos à PUC-Rio, como as crises financeiras e a representação nos órgãos colegiados, também foram assuntos muito abordados nas publicações tanto do movimento estudantil quanto do docente, no entanto, com focos distintos. Enquanto, por exemplo, os professores queriam maior poder de decisão da Universidade para conseguirem interferir nas demissões dos seus pares, os estudantes queriam mais voz para discutir sobre a questão do jubramento de alunos.

De acordo com o *Boletim da ADPUC*, na greve que os docentes fizeram no ano de 1981 - por conta da demissão de professores que acreditavam ter ocorrido por razões político-ideológicas -, os estudantes aderiram à paralisação e fizeram suas próprias reivindicações, entre elas o aumento considerado excessivo dos valores das anuidades. No *Boletim* é possível visualizar que um dos momentos de forte aproximação dos professores com os estudantes foi durante o Congresso Interno dos Estudantes em 1978, no qual os docentes participaram da organização e composição de mesas quando convidados. De acordo com o publicado no jornal, os professores consideraram esse momento como de um estrondoso sucesso, já que “decorridos tantos anos de passividade forçada, é estimulante constatar que nossos estudantes não ingerem mais as douradas pílulas da terapia alienante prescrita pelos donos da verdade”.<sup>55</sup>

Durante as entrevistas com professores que fizeram parte da ADPUC, foi questionado se eles lembravam de receber as publicações estudantis e, por sua vez, repassar para os estudantes as edições do *Boletim da ADPUC*. Foi interessante observar que, assim como sugeriu Jacques Le Goff, a memória se apresentou como fiel e móvel, sendo um cruzamento entre a lembrança e o esquecimento.<sup>56</sup> Isso porque as respostas variaram entre professores que sequer lembravam da existência do *Boletim da ADPUC* e outros que só lembravam dos jornais chegarem até eles ou de os repassarem de mão em mão. Apenas em um dos depoimentos foi apontado pela entrevistada a lembrança de levar os exemplares do *Boletim* para o DCE e receber dos diretórios alguns jornais estudantis.

Apesar de ter havido interações e debates de temas em comum, os dois movimentos eram autônomos e tinham suas diferenças. Podemos entender, então, que o que existia entre o movimento docente e o movimento estudantil não era exatamente uma união, mas uma convergência em determinados aspectos. Era uma espécie de colaboração mútua não formal, que buscava não prejudicar nem a autonomia dos estudantes nem a dos professores em suas lutas.

---

<sup>54</sup> BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro, ADPUC/PUC-Rio, n. 2, abril 1978.

<sup>55</sup> Id. n. 3, maio-junho 1978.

<sup>56</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi volume 1: História – Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

### 3.4- Conclusão

Não há como precisar exatamente qual foi o fim exato dos jornais estudantis analisados, e nem porquê as publicações foram parando de existir. A justificativa comum é que, como esses jornais faziam parte da lógica da Ditadura, a sua única razão de existir era a resistência. De fato, com a abertura política, se opor ao governo deixou de ser monopólio da imprensa alternativa. Além disso, a “retomada da atividade política clássica no âmbito dos partidos e de seus jornais, que após a decretação da Anistia saíram da clandestinidade, esvaziou a imprensa alternativa de sua função de espaço de realização sociopolítica”.<sup>57</sup>

No entanto, de acordo com Bernardo Kucinski, a imprensa alternativa tinha desde sua formação um caráter provisório e, a ditadura não foi a única razão de ser da imprensa alternativa.<sup>58</sup> Para ele, a extinção dos alternativos pode ser sintomática de algo mais profundo do que simplesmente, ou apenas, a lógica do regime autoritário. Há que se notar que outras formas de imprensa alternativa, como as publicações ligadas a minorias raciais, étnicas e de gênero, entre outras, continuaram existindo e se multiplicaram.

Seria interessante, para a próxima etapa da pesquisa, entrevistar outras pessoas ligadas ao movimento estudantil na PUC-Rio. Assim, entender melhor como era a atuação dos estudantes no âmbito da Universidade e como funcionava a dinâmica de produção e reprodução dos jornais universitários.

Sugiro também em outra etapa fazer uma análise mais esmiuçada do conteúdo dos jornais, numa tentativa de elaborar uma descrição densa, conforme propõe o antropólogo Clifford Geertz.<sup>59</sup> Um dos temas que poderia ser analisado com mais profundidade seria a relação conflituosa entre os estudantes e professores com a Administração Central da Universidade.

### 3.5 - Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Imprensa Alternativa. In: DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imprensa-alternativa>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Memórias Estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

BOLETIM ALTERNATIVA. Rio de Janeiro, PUC-Rio, ago. 1977.

BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro, ADPUC/PUC-Rio, n.0, dez 1977.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, ADPUC/PUC-Rio, n.2, abril 1978.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, ADPUC/PUC-Rio, n.3, maio-junho 1978.

CAVALCANTE, Berenice. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 18 fev. 2019.

---

<sup>57</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 23.

<sup>58</sup> Ibid., p. 25.

<sup>59</sup> GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 13-41.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 5 fev. 2019.

COUTINHO, Ana Maria Bonjour de Paula. O Movimento Estudantil na PUC-Rio durante o Governo Militar. In: **Sob a Cruz e a Espada: A Relação do Movimento Estudantil da PUC-Rio com a Reitoria durante o Regime Militar**. 2004. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

FACULDADES CATÓLICAS. **Termo de posse dos Diretórios Acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica**, 1972-1996. Rio de Janeiro, PUC-Rio. Acervo da Coordenação de Assuntos Estudantis/Vice-Reitoria Comunitária.

FOLHA DE S.PAULO. Censura com filtro. São Paulo, 22 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/07/censura-com-filtro.shtml>>. Acesso em 23 de julho de 2019.

FORACCHI, Marialice M. A participação social dos excluídos. São Paulo: HICITEC, 1982 apud RIDENTI, Marcelo Siqueira. ANDES: Representação política e sindical de professores universitários. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.93, p. 72-80, maio 1995.

FRANÇA, Julia de Paula. Um galo sozinho não tece uma manhã: o movimento docente na PUC-Rio entre os anos 1977 e 1990. In: Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio, 26. 2018, Rio de Janeiro. **Anais do XXV Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

INFORME DAAF. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1978.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, PUC-Rio, s.d.

JARDIM, Eduardo. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 11 fev. 2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LAMARÃO, Sérgio. Passeata dos Cem Mil. In: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeata-dos-cem-mil>>. Acesso em 27 de maio de 2019.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi volume 1: História – Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MELLO, Luiz da Silva. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 25 fev. 2019.

MOVIMENTO ESTUDANTIL, PANFLETO FOLHATIVA, DIRETORIO CENTRAL DE ESTUDANTES DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA RJ. Rio de Janeiro, 16 set. 1979. Dossiê. Disponível em: <[http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1986722&v\\_aba=1](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1986722&v_aba=1)> Acesso em 7 maio 2019.

OTRANTO, Celia Regina. Movimento Sindical Docente: história e crise. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, Seropédica - RJ, v. 22, n. 2, p. 213-230, 2000.

PAPIRUS. Rio de Janeiro, PUC-Rio, n.4, maio de 1971.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, PUC-Rio, n. 6, nov. de 1971.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, PUC-Rio, n. 8, jun. de 1972.

PAULA, Lucília Augusta Lino de. Movimento Estudantil: jovens, gerações e trajetórias. In: **O movimento estudantil na UFRural/RJ: memórias e exemplaridade**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

PROCESSO SECOM, nº 12.405. Rio de Janeiro, 3 maio 1979. Disponível em: <[http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1023777&v\\_aba=1](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1023777&v_aba=1)>. Acesso em 16 maio 2019.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. ANDES: Representação Política e Sindical de Professores Universitários. **Revista Cadernos de Pesquisa**, n. 93, p. 72-80, 1995.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. **História: Debates e Tendências**. Passo Fundo, v. 7, p. 9-21, 2007.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 475.

TENETE, Luiza; FIGUEIREDO, Patrícia. **Entenda o corte de verba das universidades federais**. G1, 15 maio 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/entenda-o-corte-de-verba-das-universidades-federais-e-saiba-como-sao-os-orcamentos-das-10-maiores.ghtml>>. Acesso em 15 de julho de 2019.